

Turismo e desenvolvimento versus identidade cultural em Tiradentes – MG

MSc. Rosália Caldas Sanábio de Oliveira
rsanabio@deii.cefetmg.br
CEFET –MG
Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil

Aline Fernandes Guimarães
Especialista em Promoção de Eventos
alinefguimaraes2003@yahoo.com.br
CEFET-MG
Belo Horizonte – Minas Gerais - Brasil

RESUMO

Palavras-chave: identidade, turismo, desenvolvimento.

O presente trabalho analisa as características do turismo presentes na cidade de Tiradentes, a preservação da identidade cultural do lugar e de sua população e as modificações ocasionadas pelo modelo de desenvolvimento turístico adotado.

Palavras-chave: identidade, turismo, desenvolvimento.

El presente trabajo analiza las características del turismo presentes en la ciudad de Tiradentes – MG, la preservación de la identidad cultural de su localidad y de su población, las mudanzas causadas por un modelo de desarrollo del turismo.

Palabras-importante: identidad, turismo, desarrollo

1. Introdução:

O turismo, através do exercício do lazer, é um direito de cidadania, direito este que pode ser exercido nas ações desenvolvidas pelas comunidades, pelo poder público, pelas instituições não- governamentais e também pelas empresas privadas. Atualmente, são necessárias reflexões baseadas na substituição da lógica do lucro, da exploração desenfreada, do consumo alienado e do divertimento sem respeito aos demais, pela busca de propostas de lazer mobilizadoras de ações cidadãs, preocupadas com a ênfase nos valores e interesses humanos, solidários, inclusivos, participativos.

O turismo é visto como uma via possível de tratar questões da sociedade por meio de reprodução, da construção e da transformação da cultura. É nesse âmbito que o lazer se revela importante para produzir não apenas cultura, mas política, constituindo-se num fecundo e promissor canal de resistência, mobilização e engajamento político.

Com a ajuda de um turismo consciente pode-se contribuir para o resgate de uma identidade cultural local, normalmente renegada a um segundo plano, resultando num maior cuidado com o patrimônio, tanto material quanto imaterial, uma vez que a população perceba que este patrimônio não é só para o turista ver, mas, faz parte de suas vidas e é reelaborado permanentemente pela coletividade.

Tiradentes hoje está inserida em um problema de descaracterização cultural e exclusão social de seus habitantes. A cidade é moldada para os turistas, e devido a isto, os habitantes locais, não têm acesso aos lazeres turísticos disponíveis na cidade, pois, estes são inviáveis financeiramente aos mesmos.

A sociedade local deve ser chamada a participar de qualquer atividade turística na cidade, e os seus espaços devem ser respeitados, tais como, casas, praças, roças, fazendas, dentre outros, uma vez que são socialmente construídos, além de outros territórios não de todo tangíveis, onde tenham o direito de manifestarem-se culturalmente, se assim o desejarem e quando desejarem. E isso seria melhor ainda se não ocorresse permanentemente, o risco de descaracterização cultural dessas manifestações.

É possível associar um possível desenvolvimento sem o aumento da desigualdade social? E sem modificar, irremediavelmente, a cultura da população e

seus hábitos em prol de um turismo imediatista, pensando-se apenas na obtenção do lucro?

Dependendo da forma como é explorado o turismo, ele pode oscilar de um extremo em que prevalece o imediatismo dos empreendedores, a alienação dos esforços mercadológicos e o abandono das populações de baixa renda, até um outro extremo. O turismo tem o papel de incluir o respeito às populações nativas das regiões que possuam vocação turística, convertendo-se num meio de integração, renovação, convívio e a transformação da sociedade. O turismo passaria então a ter um caráter transformador, além de incorporar as vantagens econômicas.

Ora, mas não é isso que se vê! Não é a própria população de um lugar que, teoricamente, melhor conhece esse mesmo lugar e possui o conhecimento verdadeiro sobre as suas riquezas culturais e manifestações variadas?

Ao se menosprezar, por desconhecimento ou menosprezo forjado na ignorância sobre o outro e sua identidade cultural, a elite arbitrária alija de todo um possível processo decisório sobre o lugar onde se vive, tanto a população quanto a cultura popular que ela possui. Muitas vezes, inconscientemente, acreditando numa idéia equivocada e cristalizada de que a população local seja incapaz de contribuir para mudanças sobre o lugar em que mora. Substituindo a sabedoria de uma comunidade, considerada por vezes, “menor”, pelo que vem de fora, sem se pensar nas conseqüências, resultando deste tipo de decisão, a exclusão da população mais humilde.

É necessário questionar um mercado claramente seletivo, somente acessível em toda a sua plenitude aos privilegiados economicamente, e a ação da indústria cultural cada vez mais forte e massificadora, propagando uma visão de cultura linear, superficial e unidimensional, restringindo as possibilidades de vivências de lazer da população e colocando em risco as manifestações tradicionais de uma cultura popular.

O grande desafio é tornar as atividades de lazer acessíveis a todos, de forma qualitativamente superior às de hoje, bem como o de conceber a intervenção no campo de ação de lazer como algo que possa contribuir para superar essa lógica social pautada na diferença e na desigualdade social.

O turismo deve estar atrelado aos esforços para a manutenção da identidade cultural de cada lugar onde vá ser colocado em prática um projeto turístico ou

intervenções necessárias para a implantação do mesmo, é uma questão ética e de respeito ao lugar e sua população, à sua etnocultura e ao seu modo de vida.

Como o poder público pode tomar decisões sobre a vida de um lugar, sem que as pessoas que detêm o conhecimento sobre ele não sejam ouvidas ou não são sequer consideradas aptas para tal?

A manifestação mais concreta de intervenção do Estado promovendo o inter-relacionamento entre o urbano e o turismo consiste no que convencionamos denominar "planos urbanos - turísticos" ou seja, políticas públicas que propõem a ocupação planejada do espaço a partir de abertura das estradas, com a definição de zonas com destinações específicas, áreas de preservação rigorosa ou controlada, além de zonas destinadas a implantação de equipamentos de consumo coletivo e lazer turístico.

Ou então, diante de uma ausência de planejamento turístico, muitas vezes, os governos em diferentes instâncias, são coniventes com a crescente voracidade com que investidores nacionais e/ou estrangeiros apropriam-se das localidades, tomando-as de "assalto", com a população local ficando a mercê de seus interesses. E suas manifestações culturais passando a ser consideradas, aquelas que conseguem se manter vivas, como representações "parciais" de uma coletividade, às vezes, desconsiderando-se o seu contexto de origem, além da permanência de uma visão preconceituosa de representação "folclórica" ou "pitoresca".

As formas de turismo autonomizadas, massificadas e manipuladas são indicadas, principalmente nos países pobres, como milagrosas soluções para os seus problemas, sejam eles de qualquer natureza. Funcionam desta forma, como um passaporte para o modelo da globalização, destacado como alternativa eficiente para aumentar o produto e a receita de exportações, expandirem a atividade geral e criar novos empregos e postos de trabalho.

Mas essas formas de lazer são muito mais eficientes para acentuar os níveis de pobreza e de exclusão social das maiorias, para estimular o consumo alienado e dificultar o pensar crítico. Se for certo que o consumo exacerbado e alienado de práticas culturais de lazer dificulta o pensar crítico, também é certo que ele pode não aniquilar completamente a percepção crítica da realidade.

O turismo nascido da vida cotidiana, rebelde às estatísticas frias, pode produzir formas autênticas e interessantes de lazer, troca de experiências e também de trabalho. O cotidiano reúne as heranças, o presente fugaz e o futuro almejado,

produzindo manifestações que, pelas suas raízes, são dotadas de força e permitem a produção da transgressão, ou seja, a capacidade de não aceitar o estabelecido.

Infelizmente, no nível do senso comum, há um entendimento de que o profissional que atua com lazer deve levar as pessoas a esquecer seus problemas cotidianos, a fim de auxiliá-las no trabalho do dia seguinte ou da próxima semana. Neste contexto, sua ação restringe-se à organização de jogos e brincadeiras que incentivem o agrupamento de pessoas, ou à animação de festas e bailes, na elaboração de roteiros, no acompanhamento de grupos de interesses variados... Assim, deve apresentar sempre um sorriso estampado no rosto, demonstrando alegria e “mentalidade positiva”, que possam auxiliar na adesão das pessoas às atividades propostas.

Outro grande problema que está inserido no mercado atual são os “pacotes”, pois, estes são elaborados nos gabinetes para simples consumo e, na maioria das vezes, visam aos objetivos consumatórios de prazer e descanso. Essa estratégia está frequentemente, distante da população, já que não envolve a participação efetiva de todos os sujeitos, como a atuação não está vinculada à realidade local e o trabalho não é construído coletivamente, com base na realidade cotidiana da comunidade ou do grupo específico.

É preciso fazer-se o caminho inverso, respeita-ser e compreender a diversidade cultural, buscando a reflexão e a ampliação do seu potencial crítico e criativo, tendo em vista a complexidade e o processo dinâmico da sociedade. Tornando possível descobrir novas formas de enfrentar barreiras socioeconômicas que dificultam a participação cultural do lazer e a existência da identidade cultural de uma população.

A Organização Mundial do Turismo (OMT) conceitua o turismo como qualquer deslocamento voluntário e temporário do homem para fora de sua residência habitual por uma razão diferente que a de exercer uma atividade remunerada. Esse período fora do domicílio habitual deverá ser superior a 24 horas, simplificando pelo menos um pernoite e um período máximo de até 90 dias. Contrariamente, segundo a OMT, a pessoa efetuará apenas uma viagem recreacional.

O turismo envolve gastos na organização e efetivação das viagens e requer um elenco de serviços, como, hospedagem, alimentação, transportes, agenciamento, que exigem investimentos prévios, reduzidos em comparação ao fluxo de capital produzido e de rápido retorno, gerando efeitos diretos, sobre

empregos e rendas, multiplicadores, sobre outras atividades econômicas, como, construção civil, produção e comercialização de produtos alimentícios, roupa, artesanato, material de construção, decoração e prestação de serviços. O turismo também acarreta efeitos indiretos mediante a ampliação da receita das cidades em que essa atividade econômica distingue-se.

Para as regiões deprimidas economicamente, o turismo tem se manifestado de modo particularmente significativo, podendo gerar, dentro de determinadas condições, alguns benefícios para as cidades turísticas:

- a receita gerada e a rápida repercussão em outros setores econômicos (efeito multiplicador).

- a tendência da expansão do mercado quanto às modificações nas relações de trabalho – tempo e disponibilidade financeira para o lazer.

- o amplo potencial de vendas do “produto turístico” já que se compõe de serviços e bens intangíveis (clima, beleza natural, etc.), dependendo apenas de promoção.

- capacidade de gerar empregos.

Contudo, deve-se pensar em tirar partido dos recursos turísticos para melhorar as condições de vida das suas populações, não para sacrificar e explorar ainda mais estas populações, como vem ocorrendo em muitos países.

Pode-se dizer que o turismo como setor econômico apresenta-se com duplicidade de sentido, dependendo da forma como é explorado. Preserva ou destrói a ecologia e os valores socioculturais; valoriza o patrimônio histórico-cultural ou depreda-o; auto-realiza ou aliena o homem; integra populações ou segrega-as.

É muito comum aparecerem alguns problemas recorrentes em muitas cidades turísticas brasileiras como: aceleração do processo inflacionário, em detrimento da população local; depredação do meio ambiente, em favor de interesses imediatistas de empreendedores turísticos ou implantação de “guetos de luxo” (condomínios fechados, megaprojetos hoteleiros); uso do solo urbano de forma especulativa; concessão de subsídios, facilidades, às elites locais ou a grupos de estrangeiros, de acordo com a disponibilidade financeira desses investidores; “neocolonialismo” em alto grau e subserviência ao estrangeiro; “efeito-demonstração” do que alguns consideram como manifestações culturais, e descaracterização cultural das localidades, com a introdução de hábitos estranhos às populações locais; prostituição infantil, entre outros...

2.1 - História de Tiradentes

“Tiradentes” foi fundada por volta de 1702, quando os paulistas descobriram ouro nas encostas da serra de São José, dando origem a um arraial batizado com o nome da Santo Antônio do Rio das Mortes. O Arraial posteriormente passou a ser conhecido como o Arraial Velho, para diferenciá-lo do Arraial Novo do Rio das Mortes, a atual São João Del Rey. Em 1718 o arraial foi elevado à vila, com o nome de São José, em homenagem ao príncipe D. José, futuro rei de Portugal, passando em 1860, a categoria de cidade. Durante todo o século XVIII, a Vila de São José viveu da exploração de ouro e foi um dos mais importantes centros produtores de Minas Gerais.

No fim do século XIX os republicanos redescobrem a esquecida terra de Joaquim José da Silva Xavier, o “Tiradentes”, fazem uma visita cívica à casa do vigário Padre Toledo, onde se tramou a Inconfidência Mineira. Com a proclamação da república, por decreto do governo provisório do estado, datado de 06 de dezembro de 1889, recebe a cidade o atual nome de Tiradentes, após anos de esquecimento, o conjunto arquitetônico da cidade foi tombado pelo então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 20 de abril de 1938, tendo sido, por isso, conservado quase intacto.

2.2 – Cultura

De acordo com Chauí (1982), cultura popular é um conjunto disperso de práticas dotadas de uma lógica própria, constituída durante as ações, definida local e temporalmente pelos sujeitos que delas participam. A diferença entre cultura de massa e a cultura popular é a diferença de princípios. Trata-se da diferença entre uma prática cuja lógica é a da constituição dispersa e respondendo a condições novas, pilares da cultura popular; e entre uma estrutura totalizante, dotada de referenciais e de regras preestabelecidas, que antecede a prática da comunicação.

A cultura popular tem a vantagem de assinalar aquilo que a ideologia dominante tem por finalidade ocultar, a existência das divisões sociais que integram a lógica excludente do capital. Referir-se a uma prática cultural como “popular”

significa admitir a existência de algo “não popular”, permitindo assim a distinção entre formas de manifestação cultural em uma mesma sociedade.

A cultura de massa está baseada na produção e no consumo padronizado e, independentemente de seus conteúdos, não goza de autonomia e de organização por parte dos sujeitos envolvidos. Em contrapartida, a cultura popular, esta baseada nas relações pessoais, responde a especificações locais. E, não raras vezes, desvalorizada, dada a sua proximidade com aqueles que nem sempre ostentam o poder, com as classes desprivilegiadas do ponto de vista socioeconômico. Ao passo que a cultura de massa se insere no campo das tecnologias de disciplinas e vigilância, as ações e representações da cultura popular inscrevem-se às normas preestabelecidas.

3.1 Metodologia

No primeiro momento, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e visitas à cidade de Tiradentes MG.

Alguns autores consultados para o desenvolvimento do trabalho: Joffre Dumazedier, Maria das Graças de Menezes, Chiristianne Luce, Edmur Antônio Stoppa, Hélder Ferreira Isayamma, Victor Andrade de Melo, dentre outros.

A pesquisa qualitativa foi utilizada para detectar as sugestões dos habitantes em relação ao turismo e eventos que acontecem em Tiradentes, à importância destes para a vida da população, através de questionários feitos com perguntas fechadas e abertas.

A pesquisa foi aplicada nos dias 02, 03, 04 e 05 de novembro de 2006, com questionários entregues no centro de Tiradentes e bairros afastados do mesmo, com o objetivo de verificar se a população possuía acesso ao lazer turístico oferecido aos turistas na cidade. Foram aplicados 100 questionários, além da realização de entrevistas.

3.2 - Estudo de Caso

Foi desenvolvida uma pesquisa descritiva, que teve como instrumento de coleta de dados o questionário aplicado, apontando o sexo, idade, renda, ocupação profissional, Inserção do trabalho da população de Tiradentes nos eventos na cidade, famílias que já moraram no centro de Tiradentes (tabelas 1, 2, 3, 4, 5,6), entre outros tópicos.

3.3 - Conclusões: Análise crítica do turismo na cidade de Tiradentes

A cidade de Tiradentes possui 5.500 habitantes, com uma área de 83 Km², com temperatura média anual de 21° C. Uma cidade conhecida por ser turística e possuir um grande acervo histórico. Está a 330 Km de Rio de Janeiro, 480 Km de São Paulo, 190 Km de Belo Horizonte, 14 Km de São João Del Rey.

Ao visitar cidades turísticas, como exemplo, Tiradentes, nota-se análises sobre gastos do turista nos locais que recebem viajantes, estudos que tentam dimensionar repercussões da receita do turismo sobre outras atividades econômicas, avaliações de rentabilidade privada em relação à rentabilidade social de projetos de investimentos, propostas mercadológicas e estudos que apontam custos / benefícios oriundos do turismo sem sustentabilidade. Mas, nada nota-se em relação à vida da população em relação a sua cultura, estilo de vida, identidade cultural/social e lazer.

Há uma real preocupação com a preservação dos locais e atrativos históricos por parte da prefeitura, todavia, a maioria da sociedade não usufrui das atividades de lazer turístico oferecido na mesma. Conta-se parte da história da cidade por meio dos guias, mas, os habitantes de Tiradentes não têm acesso aos melhores trabalhos oferecidos na cidade. O centro da cidade de Tiradentes é tombado, mas, a maioria dos proprietários dos imóveis não é de Tiradentes. Há falta de interesse de criar políticas públicas para a população local, em relação ao lazer da mesma e na produção cultural da cidade, é pouco valorizada a mão-de-obra local, em projetos e trabalhos culturais na cidade.

Os mais representativos serviços são controlados por profissionais de outras localidades, Rio de Janeiro, São Paulo e até mesmo São José Del Rey, que por sinal, ocupa os melhores cargos na disponibilidade de vagas oferecidos na cidade de Tiradentes.

A população local contenta-se com serviços de charretes e limpeza e baixos salários, incluindo práticas que permitem o rebaixamento dos salários (propinas, caixinha, etc.). Esses trabalhadores moram, na maior parcela, em bairros afastados do centro, num processo de favelização, e vivem em condições desfavoráveis e sem conforto. Toda a infra-estrutura da cidade é voltada para os turistas, turismo de elite, deixando assim, a população, fora das atividades de lazer oferecidas na mesma.

Hoje se pode caracterizar Tiradentes, como uma cidade partida, em que os turistas têm acesso a muitas coisas (e efetivamente a cidade oferece muito), mas a maioria dos habitantes pouco pode desfrutar. Nesse processo, o cidadão dissocia-se da cidade, não a reconhece não se identifica completamente com ela.

Ao separar o cidadão da cidade, esvazia-se a dimensão do coletivo e dificulta-se a articulação de possibilidades concretas de reivindicação. Já que se trata de individualizar as lutas e "salve-se quem puder", as pessoas passam a buscar soluções para "sobreviver" e os valores tendem a extinguir-se à luz da necessidade.

A chave do processo é a "reintegração do cidadão à cidade". Enquanto o cidadão não reconhecer e reivindicar a cidade como efetivamente sua, enquanto não se der um banho de cidadania na cidade, todas as medidas serão sempre paliativas.

Em Tiradentes, todas as mudanças que acontecem, implantação de projetos (maioria), não possuem apoio da comunidade. Estas não são mobilizadas e consultadas acerca das mudanças a serem promovidas. Não se articula a comunidade, e os projetos educacionais são escassos e a injustiça social não diminui.

Basta observar a distribuição geográfica das oportunidades de acesso aos bens culturais pela cidade. Em Tiradentes, o centro, localiza-se a prefeitura, pub's, restaurantes, praça, centros culturais. Nas regiões mais afastadas do centro, reside à camada mais pobre da população e as possibilidades são escassas e qualitativamente complicadas. Vale salientar que a maioria da população que morava no centro da cidade, vendeu suas casas para comerciantes de outras cidades e Estados e até de outros países. De acordo com entrevistas com habitantes das poucas residências do centro de Tiradentes, as pessoas venderam

suas casas, por um alto valor oferecido. Inclusive, todas as pessoas entrevistadas, também já tiveram propostas tentadoras. Muitas casas estão fechadas e abrem apenas quando há festividades na cidade.

Assim, é como e existissem duas cidades distintas: aquela reconhecida pelo poder público e uma segunda cidade, alheia à primeira, que pode um dia vir a fazer parte da primeira. Embora ocupem o mesmo espaço físico, não se comunicam com muita frequência, um ambiente onde nem todos têm o mesmo direito de usufruir de sua infra-estrutura ou nele habitar de fato, num certo sentido, os menos favorecidos apenas transitam, mas se alojam num território periférico, não reconhecido como cidade.

Não podemos esquecer que a cidade vai adiante de sua estrutura, ela não pode desconhecer de um lado, o meio ambiente onde ela está inserida e nem a sua história, e de outro lado, o cidadão não pode estar dissociado agora de sua própria condição e nem do seu lugar e natureza, do qual ele é peça importante. A questão crucial a se perguntar é: qual é a concepção desta cidade?

Não se pode planejar a vida da cidade sem a compreensão do seu ecossistema, levando-se em consideração que o homem faz parte dele. Ao invés de buscar a visão de mundo do exterior, supostamente universal e voltada para o interesse de poucos, o olhar têm que ser posto sobre os valores e saberes dos habitantes locais, em reconhecer-se parte de uma memória e de uma identidade que permeia a maioria.

Desta feita, a cidade passa a ser conhecida e se permite conhecer a si mesma, promovendo-se o diálogo entre seus pares e entre as regiões, anteriormente segregadas por pré-conceitos.

Nota-se uma falta de conscientização da população em relação à preservação da identidade local. Ao vender suas casas, estes se mudam para as regiões afastadas do centro, criando aglomerações. Com o tempo, estas pessoas ficam deprimidas e desmotivadas em relação à cidade e ao seu lazer, perdendo sua identidade, história e memória. Trata-se de uma questão de educação.

Tiradentes possui atividades culturais oferecidas de forma gratuita, mas não são muitas as atividades oferecidas, é necessário implantação de políticas públicas na cidade para dar oportunidade dos habitantes locais usufruírem dos bens culturais. Mas também existem locais pouco conhecidos, e utilizados pela comunidade. Se esses bens culturais não são conhecidos e utilizados, em grande parte é devido ao

desconhecimento e a falta de educação para tal, e o animador cultural, em um processo de diálogo e mediação, pode contribuir na resolução do problema.

Nessas comunidades existe vida cultural própria e mesmo iniciativas de manutenção de suas tradições culturais. É necessário incentivar tal ação e reconhecer os grupos locais que tem tido dificuldade de manter suas tradicionais manifestações e tentar contribuir para revitalizar tais atividades. Com certeza é um processo longo e que requer muita dedicação, paciência e preparo.

É necessário inserir os moradores de Tiradentes nos projetos da cidade, afinal, eles compreendem melhor as peculiaridades do local; sendo que as intervenções feitas e as escolhas pertinentes a elas devem passar pelo crivo de seus habitantes. O estabelecimento de políticas públicas deve contribuir para a construção da cidadania da população numa perspectiva crítica, superadora e não assistencialista.

Faz-se necessário, a construção de uma democracia participativa para além da mudança percebida apenas pelos sentidos, é preciso uma nova forma de cultura política e uma nova forma de gerir a coisa pública.

Se ocorre parte deste processo, também ocorrerá a oportunidade de uma mudança de percepção em relação à população que deve ter participação efetiva onde mora, além de uma discussão profunda sobre quem reelabora a cultura e produz o conhecimento, qual é a sua finalidade e sua função.

Atrelando a cidadania dentro de um jogo democrático e o reconhecimento legítimo presente em cada cidadão, para além do individualismo, há uma real chance de manutenção de uma identidade coletiva forte, permitindo que cada indivíduo reconheça-se no grupo fazendo o exercício da alteridade, permanecendo com as suas individualidades que também permeiam outras e são comuns a outros indivíduos.

Então, aquele indivíduo ou grupo exilado em sua própria terra, anteriormente sem lugar, sem cultura, vê-se pleno pelo reconhecimento de sua cidadania através da preservação de sua identidade local e coletiva. A cidadania não pode existir num ambiente sem identidade, pois a sua existência pressupõe uma maior qualidade de vida aos cidadãos da cidade. Dessa feita, o espaço da cidade passa a ser igualmente, um metaterritório, ou seja, com a capacidade de poder extrapolar suas fronteiras físicas, para fazer parte da vida de seus cidadãos e de sua identidade cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Margarita M. Planejamento e Organização em Turismo. Campinas: Papirus, 1990.
- CLAVAL, P. A Geografia Cultural. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.
- DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e Cultura popular. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- DUMAZEDIER, Joffre. Sociologia Empírica do Lazer. São Paulo: Perspectiva e Senac/Nacional, 1979.
- HARVEY, David. A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.
- IANNI, Otávio. A sociedade Global. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.
- IANNI, Otávio. O labirinto latino-americano. Rio de Janeiro, Vozes, 1993.
- LEFEBVRE, H. O direito à cidade. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.
- MARCELLINO, Nelson C. Lazer e Educação. Campinas: Papirus, 1987.
- MELO, Victor de Andrade de. Lazer e Minorias Sociais. São Paulo: Ibrasa, 2003.
- M.F. Palomo. Economia Turística. Tese de Doutorado. Madri, 1979.
- NETO, Kiko. Roteiro Turístico de Tiradentes. Secretaria Municipal de Turismo, ADM 2005/2008.
- PAIVA, Maria das Graças de Menezes V. Sociologia do Turismo. Campinas: Papirus, 1995.
- SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, Milton. Da cultura à indústria cultural. Folha de São Paulo, São Paulo, caderno Mais, p. 19, 19 mar. 2000.
- SANTOS, Wanderley Guilherme dos. O estado social da nação. Dados, Rio de Janeiro, 1985, vol. 29.
- SOJA, Edward W. Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- YURGEL, Marlene. Urbanismo e Lazer. São Paulo: Nobel, 1983.
- WERNECK, Christianne Luce G; STOPPA, Edmur Antônio & ISAYAMA, Hélder Ferreira. Lazer e Mercado. Campinas: Papirus, 2001.

ANEXOS

Tabela 1 - Sexo dos habitantes entrevistados de Tiradentes

Variáveis	<i>f</i>	%
Feminino	60	60%
Masculino	40	40%
Total	100	100%

Fonte: Pesquisa de Campo.

Tabela 2 - Idade dos habitantes entrevistados de Tiradentes

Variáveis	<i>f</i>	%
até 20 anos	30	30%
21 a 35 anos	26	26%
36 a 50 anos	30	30%
mais de 50 anos	14	14%
Total	100	100%

Fonte: Pesquisa de Campo.

Tabela 3 - Renda dos habitantes entrevistados de Tiradentes

Variáveis	<i>f</i>	%
Não tem renda fixa	30	30%
Menos de 1 salário mínimo	14	14%
1 salário mínimo	34	34%
Acima de 01 salário até 3 salários mínimos	22	22%
Acima de 3 salários mínimos	0	0%
Total	100	100%

Fonte: Pesquisa de Campo

Tabela 4 - Ocupação Profissional dos habitantes entrevistados de Tiradentes

Variáveis	f	%
Trabalha em comércio em Tiradentes	48	48%
Profissional liberal	1	1%
Autônomo	1	1%
Professor	12	12%
Funcionário público	19	19%
Empresário	0	0%
Outros	19	19%
Total	100	100%

Tabela 5 - Inserção do trabalho da população de Tiradentes nos eventos na cidade

Variáveis	f	%
Sim	37	37%
Não	63	63%
Total	100	100%

Fonte: Pesquisa de Campo

Tabela 6 - Famílias que já moraram no centro de Tiradentes

Variáveis	f	%
Sim	56	56%
Não	44	44%
Total	100	100%

Fonte: Pesquisa de Campo

